

RAFAEL SARDÁ LISBÔA

DEMÔNIOS NO CORPO

E OUTROS CONTOS

2015

Apresentação

A Academia é um centro de produção intelectual. Ela faz com que ponhamos para fora nossos conhecimentos adquiridos e nos leva a compartilhá-los com o mundo. De fato, mais do que isso, faz-nos aprender, seja com os mestres ou com os colegas.

Neste volume, constam nove narrativas produzidas por este estudante de Cinema que vos escreve. Ao fim, a coletânea é encerrada com um pequeno roteiro de curta metragem. Foram todos criados durante o intervalo de seis meses, na disciplina de Escrita Criativa, com o intuito de desenvolver as aptidões literárias sob a orientação do professor.

Fico feliz em poder compartilhar humildemente com os leitores as minhas simples obras, dando continuidade para o grande processo da Academia.

Agradecimentos

Ao prof. Marcio Markendorf, que me proporcionou a oportunidade de realizar estes textos e de poder aprender com eles;

Aos meus colegas de curso, testadores beta desses contos;

A meus amigos Luiza Kasper e João Gabriel Moriz, que sempre me auxiliaram com ideias para as narrativas e estiveram junto comigo nessa caminhada literária.

Sobre o Autor

Rafael Sardá Lisbôa nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, onde viveu a vida inteira. Desde cedo apresentou gosto pela leitura, e com oito anos já arriscava suas primeiras narrativas. Atualmente cursa Cinema na Universidade Federal de Santa Catarina.

Sumário

<i>Demônio no Corpo</i>	4
<i>O Anjo da Morte</i>	9
<i>Enclausurado</i>	11
<i>Quartos para turistas</i>	13
<i>Peças do inconsciente</i>	15
<i>Amor Transcendente</i>	17
<i>Estranhamentos</i>	18
<i>Noite de Amor</i>	23
<i>Edifício Andorinhas</i>	24
<i>Mariposas (Roteiro)</i>	26

Demônio no Corpo

O sumo-sacerdote, grande padre superior da igreja que havia nas redondezas, estava ajoelhado em frente ao altar magnânimo. Os últimos raios de sol do dia ainda exibiam seus traços através dos imponentes vitrais. O clérigo terminava suas orações, quando três batidas na grande porta de mogno ecoaram pela catedral. Ele se levantou e seguiu pelo longo corredor entre os bancos vazios, perguntando-se quem poderia ser tal hora em um dia sem missa.

Do outro lado da porta estavam dois frequentadores assíduos dos cultos, que o grande-padre de pronto reconheceu. Entre os dois, um terceiro, de cabeça baixa, o qual ambos seguravam com força.

– É uma emergência, cônego! – exclamou o homem da direita tão logo o sacerdote abriu o portal.

– Entrem, meus filhos. A casa do Pai está sempre aberta – respondeu com olhar sisudo. Seguiram os quatro em direção ao altar – O que os perturba, Tobias?

– Ele está com um demônio no corpo, senhor. Este cristão aqui – respondeu o mesmo homem – Precisamos de um exorcismo.

– Curioso... – murmurou o padre – Não costumam trazer a mim casos como esse.

– O senhor é o único em que consegui pensar, Padre Efraim.

– Sente o homem aqui na frente – Efraim indicou o banco da primeira fileira, à esquerda. Tobias e o amigo atenderam de pronto. – Como se chama o cristão?

– Bartolomeu, senhor.

O homem endemoniado estava silencioso, sentado, enquanto o padre e o crente o fitavam. O outro amigo que viera com eles agora acendia umas velas no altar, visto que a penumbra já tomava conta.

– Quem é o demônio que se apossa desse corpo que não lhe pertence!?! – vociferou padre Efraim. Sua voz reverberou pela catedral, sendo seguido de um silêncio macabro.

De súbito, Bartolomeu começou a se debater e soltar grunhidos. Caiu do banco e rolou no chão. O sacerdote e Tobias se afastaram. Tão súbito quanto os espasmos começaram, também pararam. Os olhos do possesso estavam arregalados e exibiam íris de cor vermelho-sangue.

– As más línguas alcunharam-me Bahamut, em homenagem à grande besta dos tempos antigos! – a voz que saía de sua boca era grave e levemente rouca – Sigo a linhagem de Asmodeus, o terrível. Venho do Cemitério de Fogo, no Sexto Círculo do Inferno, lar da heresia!

– Entendo – falou o cônego em tom sério – E por que te apossas deste mero mortal?

– Bem... É o que a gente faz, né? Eu estava lá, do lado de fora daquela igreja grande perto da padaria, sabe? Estávamos em três ou quatro, seres diabólicos, esperando os crentes saírem do culto para tomar-lhes os corpos.

– Sim, sim – interrompeu o cônego – Eu sei como essas coisas funcionam. Vai direto ao ponto.

– Então, é por aquela história de prazeres carnis e tal... Nós demônios não temos corpo e tentamos encontrar um. Acho que o senhor já entendeu. O problema é que quando enche o saco, nós vamos embora. Só que eu não consigo sair mais do Bartolomeu.

– Não?

– Não! Eu não quero mais ficar nesse invólucro carnal.

– Hum... – Padre Efraim coçava o queixo. Exibia ainda o mesmo semblante sério – Permite-me dar uma palavra com Bartolomeu?

– Sim, claro! Faz esse cara me deixar sair desse corpo que não me pertence!

O corpo do possesso voltou a se contorcer. Suas pálpebras cerraram fortemente. Quando parou, abriu os olhos, que se haviam volvido verdes.

Bartolomeu levantou do chão, bateu o pé dos ombros e apertou a mão do sacerdote:

– Boa noite, padre! Vi que estava conversando com Bahamut – sua voz soava mais límpida

Efraim olhou para Tobias. Sua face exibia a confusão que estava sentindo no momento. Tobias respondeu com um levantar de ombros. Bartolomeu voltou a sentar.

– Então, Bartolomeu... – o padre não sabia por onde começar – Há quanto tempo está com o demônio no corpo?

– Ah, deve fazer um dois meses, dois meses e meio. A maior parte do tempo ele ficava no comando. Mas deve fazer três semanas que estamos dividindo bem o corpo.

– Dividindo?

– Sim, sim. Um pastor amigo meu deu um jeitinho, e agora eu consigo assumir o controle do meu corpo, e ainda assim estar com esse ser do mal. – Bartolomeu fez uma pausa e olhou em volta. – Nunca estive nessa igreja. É diferente das outras. Luterana?

– Igreja Satanista da Sétima Noite

Bartolomeu franziu a testa:

– Não é tão ruim quanto dizem. E por que me trouxeram aqui?

– Bahamut me pediu – Tobias falou – Ele nunca havia ficado preso assim

– Então, a história foi a seguinte... – Bartolomeu franziu o rosto e os olhos voltaram à coloração sangue

– Ele me levou para o pastor – interrompeu Bahamut, retomando a condução do corpo – Eu já estava acostumado a essas coisas. Ele iria me exorcizar e eu iria embora, seguir minha vida. O reverendo lá começou a gritaria de sempre. Então disse que eu estava “amarrado em nome de Jesus”. E é isso. Eu fiquei amarrado. Bartolomeu agora tinha o controle do corpo de novo, e não quis que o pastor terminasse o procedimento. Agora estou preso nessa desgraça.

– Mas o que, em nome de Satanás, fez um mortal apossado à força gostar da presença de um demônio? – o cônego estava ficando um pouco inquieto.

Um novo contorcer no corpo do cristão indicou a volta de Bartolomeu à superfície de sua consciência:

– Então, padre, minha saúde melhorou demais! Eu tive por anos um problema de articulação. Sem falar das dores no pescoço que não me deixavam em paz. Mal conseguia olhar para os lados. Mas veja agora! – Bartolomeu esticou o pescoço e o girou lentamente, dando uma volta de 360° em torno dos ombros. Alguns estalos desagradáveis foram ouvidos. – Sem dor alguma! Fora que posso comer à vontade. A comida agora tem muito mais gosto! A vida financeira está melhor. E, cá entre nós, estou muito mais bonito. É como vender se eu tivesse vendido a alma, só que a alma ainda me pertence. Afinal, foi o Mutizinho que veio se apossar de mim. Eu não fiz nada de mau.

– Ah, claro! – os olhos tornaram-se vermelhos novamente – A culpa é sempre do demônio! E não me chama de Mutizinho. Bahamut, o terrível, para você. E de que adianta a comida ser mais saborosa se você não come nada de bom? Padre, eu não aguento mais. O desgraçado é vegetariano! Eu costumava me apossar dos mortais e comer churrascos (desculpa a palavra) divinos! Agora só como rabanetes, porque a dondoca aqui não come carne. – Mais uma contorção, e os olhos verdes de novo:

– O senhor, Bahamut, está no meu corpo. E eu já lhe disse isso: meu corpo, minhas regras. Agora aprecie meus rabanetes. São muito bem temperados.

– Padre, nem beber ele quer! – interrompeu o demônio – Diz ele que o pastor não deixa. Nem um vinhozinho. Meu pai Belzebu, até o tal do Jesus que ele tanto adora bebia vinho! Faz até bem para a saúde!

– Quem precisa se preocupar com saúde? – voltou Bartolomeu – Sua presença já me deu saúde infinita!

– E você não poder me dar o deleite de uma cerveja de agradecimento?

– Se você gosta de viver no inferno, eu ainda quero ir para o Paraíso!

– E faz isso prendendo um demônio no corpo?

Padre Efraim e Tobias fitavam os dois discutirem um com o outro, mas usando a mesma boca para argumentar. Era uma visão quase esquizofrênica. Os olhos pareciam um semáforo com defeito, indo do verde ao vermelho, do vermelho ao verde. O cônego perdeu a paciência:

– Chega! – os dois pararam e o único corpo deles olhava fixo para o padre.
– Não quero mais gritaria na minha igreja. – e saiu para a sacristia. O salão ficou em silêncio. Quando o padre voltou, trazia um cartão nas mãos, o qual entregou na mão de Bartolomeu.

– O que é isso? – indagou o ser do inferno

– Um cartão. De uma terapeuta de casais. Sei que não é bem o caso vosso, mas não consigo pensar em mais nada. Esta igreja põe os demônios nos corpos mortais, e não o contrário. Sinto muito, Bahamut, mas não posso fazer nada. E Bartolomeu, seja mais grato às vantagens que Bahamut te proporciona. Não custa ceder um pouco. Agora vão para casa.

– Senhor? – murmurou Tobias

– Sem mais! – vociferou o cônego. Agora tire esses barulhentos da minha igreja!

– Sim, senhor.

Padre Efraim cerrou os olhos e se voltou ao altar, enquanto ouvia os passos reverberantes do pequeno grupo deixando a igreja. Ele olhou para a grande estátua de Belzebu no altar.

– Você, meu soberano trevoso, me faz passar por cada coisa...

O rosto da estátua parecia sorrir jocosamente em resposta ao padre.

O Anjo da Morte

Eu o via claramente. Grandes asas negras, saindo de trás de suas vestes, também negras. Já tive muitas noites de insônia, perambulando pela casa por horas a fio. Ele aparecia de vez em quando nessa rua para levar alguém, o Anjo da Morte. O medo sempre me acometia, por mais que ele não fizesse nada além de seu trabalho nefasto.

Como de costume quando a entidade aparecia, eu subi as escadas lentamente. Segui com cuidado pelo corredor escuro. Parei ao lado da porta do quarto de meu irmão. Não havia som. Não havia movimento. Eu gelei. Seria ele dessa vez. Tive medo de chegar mais perto e me deparar com o cadáver. Dei alguns passos, o mais silenciosamente que pude. A sua pele estava pálida, e os olhos levemente abertos. Embrulhou-me o estômago. Só então percebi o leve movimento de seu ventre. Era uma respiração tênue, mas existente. Não era a sua hora.

Volvi para fora do quarto. Caminhei pelo corredor até parar de novo em frente à escada, de onde podia ver o relógio de corda que repousava imponente na sala. Poucos minutos passados das três. Curvei-me levemente, de forma a poder ver a rua através da janela da sala. Lá estava ele, o Anjo. Estava estranhamente perto da casa esta noite. Sereno como do feitio de um imortal. A noite estava mais escura. Ele parecia olhar em direção à lua, que agora aparentemente havia sido encoberta por uma nuvem passageira.

Segui para o quarto de meus pais. O silêncio na casa persistia, em contraponto aos meus pensamentos barulhosos. Para o outro lado do corredor eu rumava. Passei a porta semicerrada. Dentro do dormitório, pude ouvir a respiração profunda de meu pai. Não era a hora dele. Ele vivia.

Adentrei mais um pouco. Percorri o curto espaço que me separava da cama. Vi mais de perto mamãe. Ela também, pálida como meu irmão. Seus olhos estavam bem cerrados. Olhei para seu corpo e não percebi respiração. Minha espinha sentiu um calafrio. Meu rosto devia estar tão pálido quanto o dela. Toquei seu braço, suavemente. Ela estava fria. Meu coração disparou.

Não! Não podia ser! Saí do quarto, em desnoriteio. Era a hora dela? Desci correndo para a sala e olhei através da janela. A Morte já não estava. Quando ela termina seu trabalho, vai embora. Abri a porta da frente e saí da casa. Meu coração cada vez mais rápido. Parei na calçada e olhei para os lados, à procura do Anjo. Não o vi. Minhas pernas cambaleavam. Voltei-me para a casa e fitei a passagem de entrada. Meus olhos aguçados. Ajoelhei-me e chorei.

Um som de dentro da casa. Um ruído azedo e ritmado. Eram passos no assoalho, descendo as escadas. Fechei os olhos com toda a força que consegui. A marcha solitária e fúnebre vinha com destino a mim. Meu coração ainda mais rápido. Era mamãe, com um olhar confuso, tentando entender por que eu estava ali. O alívio me percorreu de cima a baixo.

Foi quando seus olhos se arregalaram. O semblante se pôs pálido. Por trás, fui envolto por asas de plumas negras, que pronto se volveram translúcidas e sumiram. Caí de costas ao chão. Meu coração não mais batia incessantemente. O luar voltara a se mostrar.

Enclausurado

Otto entrou no portão escuro do sítio longínquo. O ambiente fedia a serragem úmida e fezes frescas. Acendeu a lâmpada incandescente pendurada por um fio mal encapado. A Luz eliminou fracamente cômodo, revelando as paredes rachadas de reboco manchado por infiltrações. No centro, um cercado de madeira que envolvia um homem sentado, vestindo um terno risca-de-giz sujo e suado. Otto retirou o pano que cobria a boca sujeito, que tossiu e cuspiu:

— Me solta daqui. Você é louco?

Otto apenas observou o homem. Deu meia volta e foi até o canto escuro porão. Arrastou um saco de palha cheio de conteúdo malcheiroso.

— Não! De novo Não! Chega dessa comida de ave!

— Não gosta do trato que a sua própria empresa produz? — Otto soava impessoal.

— Tire esse negócio de perto de mim! — o sujeito berrou tentando, sem sucesso, evitar que Otto prendesse um aparato de metal em seu rosto. O objeto mantinha sua boca amplamente aberta.

— É só um pouco de ração que vou dar para o senhor. Nada que você não faça com as galinhas e frangos que cria no seu matadouro, Dr. Vieira. Nada que o você não tenha feito com a Marylou.

O empresário não conseguia fazer mais que reproduzir ruídos sem sentido. Otto empurrou a cabeça da sua vítima para trás, e encaixou um funil. Com uma pequena pá, levava o trato do saco de palha ao funil. Dr. Vieira tossia engasgava.

— Acho que o senhor já está gordinho ou bastante, assim como suas aves, não? A Marylou estava dois quilos e meio — Otto mantinha o tom impessoal. O empresário, em seu rico terno sujo, arregalou os olhos em desespero. Ele conhecia

a próxima etapa deste processo. Ele próprio zelava para que fosse sempre realizado da forma mais eficiente possível.

Otto saiu da sala, deixando Dr. Vieira no escuro. Alguns minutos de silêncio.

Ele voltou com uma corda e uma roldana. Calmamente passou o cabo pela rodinha. Foi para um outro canto do porão e trouxe uma escada enferrujada, a qual subiu com cuidado. Prendeu a roldana em uma barra de ferro perto do teto baixo. Após, prendeu uma das extremidades do cabo aos pés no homem do agronegócio. Puxou outro lado, e Dr. Vieira grunhiu quando ficou pendurado de cabeça para baixo. O aparato em sua boca mas o funil caíram. Otto prendeu a corda na cerca.

— Sua carne vai ficar bem se eu empaná-la — o agressor deu um sorriso irônico. Puxou um facão do cinto. Levemente, correu o fio pela garganta da vítima.

O sangue espirrou na cara de Otto. O som ecoou pela sala. Otto gargalhou.

Quartos para turistas

Baseado no quadro homônimo de Edward Hopper

Frio

Noite

Vento

Robert estava cuidando da recepção da pousada aquela madrugada. Não havia hóspedes. Uma notícia no rádio quebrou seu tédio: um casal de assassinos atacara novamente na estrada de Saint Albans. O crime havia sido cometido na última hora, e os criminosos ainda poderiam estar nas redondezas.

O som de um carro parando em frente à pequena pousada fez Robert desligar o rádio. Adentrou um homem e uma mulher, com rostos não muito alegres. Traziam uma mala relativamente grande. Sem muitas perguntas, o recepcionista cuidou dos papéis e indicou o quarto 2 para Gaspar e Kadia Pieters, turistas belgas, no primeiro andar à direita.

Ouviu os hóspedes subindo as escadas e fechando a porta. Ele jurou ter visto marcas de sangue na camisa do senhor Pieters, mas não pôde ter certeza. A madrugada voltou à mesmice, e Robert voltou a ligar o rádio. Começou a caminhar pelo saguão para passar o tempo. Quando estava perto da escada, a luz acabou.

Silêncio.

Robert voltou amedrontado ao balcão para procurar velas ou uma lanterna, mas um ruído no andar de cima o fez parar sua busca. Subiu lentamente as escadas para averiguar. Ele tremia. Chegando ao corredor do primeiro andar, pôde ver a porta do quarto 2 entreaberta. Chegou mais perto e não encontrou ninguém. A cama estava arrumada. Robert olhou em volta e não viu ninguém. Uma batida forte na porta de entrada, no piso térreo. Robert engoliu em seco. Desceu as escadas tão lento quanto subiu.

Nada. Ninguém.

Com cuidado, abriu a porta da frente. Estava começando a amanhecer. Não havia nenhum carro parado à frente da pousada. Tampouco havia marcas de pneu. Seus pés tocaram em algo. Era o jornal que haviam acabado de jogar à sua porta. A primeira página mostrava os rostos de Gaspar e Kadia Pieters, que foram mortos no início da noite anterior nas estradas de St. Albans, pelas mãos de um casal de assassinos.

Peças do inconsciente

Sentei na varanda da minha casa. Era final de tarde, e essas horas eu gostava de sentar na poltrona de frente para os fundos. Abri a caixinha de tabaco e pus um pouquinho dentro do cachimbo. Risquei o último fósforo da caixa. Precisava comprar mais. Queimei o fumo e dei umas baforadas.

Franzi a testa. A fumaça estava sem gosto. Digo, parecia a mesma fumaça de sempre, mas era como ar puro entrando em minha boca. Olhei para o aparato em minhas mãos e me assustei: isto não é um cachimbo! É igual a um cachimbo normal, mas eu, de certa forma, tinha plena noção de que não era um cachimbo.

Olhei para o sol, que se punha. Estava alaranjado como uma gema. Inclusive descia em direção ao horizonte por entre duas enormes cascas de ovo. Duas enormes cascas de ovo? Não, não. Isso não deveria estar ali.

Um barulho ritmado e pesado veio do outro lado da casa. Foi ficando mais próximo, mais próximo. Gelei quando vi passar por cima de mim e da minha morada um magrelo elefante, cujas pernas deviam ter uns oito metros de altura.

O que estava acontecendo? Entrei em casa e me encostei no canto da cozinha. Agarrei a bancada com força. O barulho do elefante ficava mais fraco, mais fraco. Logo, só se ouvia o tic-tac do relógio. Fui relaxando, e aos poucos notei que havia algo molenga sob minha mão. Só então notei que era o próprio relógio, derretendo e deslizando aos poucos para a quina da bancada. Porém, depois do elefante, aquilo não me pareceu ameaçador.

O que parecia ameaçador era o cara de terno e chapéu coco do outro lado do cômodo. Ele não tinha cara de muitos amigos. Aliás, ele não tinha cara, mas sim uma maçã verde no lugar da cabeça.

Tentei correr. Subi as escadas, mas quanto mais eu me esforçava para chegar no andar de cima, mas devagar eu parecia me mover. E bem atrás vinha caminhando o filho do homem. Mais perto, mais perto...

Gritei.

Abri os olhos. Estava na poltrona da varanda. Já era noite. Não havia elefante, não havia homem de terno, nem cascas de ovo gigantes. E o cachimbo era um cachimbo.

Referências:

A traição das Imagens
O Filho do Homem
(René Magritte)

Sunrise by the Ocean
(Vladmir Kush)

A persistência da Memória
Os Elefantes
(Salvador Dalí)

Amor Transcendente

Estávamos iluminados pelas velas. A cama era redonda e espaçosa. Estávamos cometendo a nossa loucura, nossa mágica. Ela vinha dos céus. Descia à terra para me encontrar. Ela era uma deusa, e fazia de mim um deus.

Havia chegado atrasada. O chefe ficou dando-lhe sermão até mais tarde. Mas não importava. Ela revertia a sua frustração em amor.

Iniciei meu caminho por entre suas justas pernas. Eu sentia o calor dentro de mim. Sentia a vibração de nossos corpos nos trazendo ao estado de plenitude tântrica. Seus seios singelos se comprimiam contra meu tórax magro.

Nossos corpos morriam para que pudéssemos transcender. Agora a gravidade já não nos afetava. Eu soltaria meu vocabulário chulo a esse ponto, se já não tivéssemos transpassado a barreira quântica da linguagem. Flutuávamos pelo quarto, embolados. De onde nossos corpos se tocavam, saía luz. Livres da força que nos prendia ao chão, podíamos girar livremente nossos eixos. Ora eu beijava sua boca, ora sentia o gosto de sua vulva.

Depois da primeira hora, tornamo-nos um só. Alguns minutos depois, éramos dois de novo, mas mais completos e inteiros que antes. Descemos do ar e plantamo-nos no fundo da Terra, onde o próprio Diabo nos recepcionou, sorrindo maliciosamente com o nosso prazer. Com a luz que porta, nos fez transpor a matéria. Éramos, agora, brilhos estelares, singelos e puros. A Lua se unia ao Sol, como eu me unia a ela. Rumávamos agora para a Nova Era. Eu ouvia o som universal: “Om... Om...”

Estava em estado de plenitude.

Estranhamentos

21 de julho

Hoje o dia parecia tranquilo na firma, mas não terminou muito bem. Pelo menos não para mim. Eu pedi para me trazerem café, perto das quatro da tarde. Foi logo depois de eu finalmente ter terminado o maldito relatório da conferência. Precisava dar uma pausa de alguns minutos. Não tardou e chegaram com meu caneco. Eu levantei para dar uma caminhada até a área comum dos funcionários do nosso andar. Entretanto, não sei se levantei muito rápido ou o que foi, mas minha visão ficou toda ofuscada com um brilho roxo púrpura. Não demorou muito e eu me recobrei. Isso passaria sem problemas, se nesse processo eu não tivesse derramado um terço do meu café na samambaia da minha sala, e outro terço na minha camisa azul que eu acabara de comprar na viagem para a Itália.

As pessoas ao lado da sala ouviram o uivo que eu dei nessa minha façanha e vieram me ajudar. Entreguei a caneca com o que sobrou do café para o Luiz da Gestão de Estrutura, e o Afonso veio me prestar ajuda. Ele me ajudou a ir para a enfermaria, porque o café estava bem quente. Graças a Deus não houve nenhuma queimadura grave, mas ainda está doendo. Para completar, eu vi a funcionária nova, Anna, rindo, obviamente de mim.

Fui liberado para ir embora mais cedo. Dei uma passada na padaria e levei uns quitutes doces para casa, para poder complementar o pão de cada dia. Considerei isso uma “compensação” pela desgraça do final do dia. Na verdade, é só preguiça de cozinhar algo que preste, mesmo.

22 de julho

Amanheceu um dia frio hoje. Meu tronco ardia por causa das queimaduras (leves, mas ainda assim queimaduras), e meu rosto ardia por causa do vento gelado. Ao menos estava um dia ensolarado.

Fiquei triste ao ver que minha samambaia definhou. Deve ter algo a ver com o café que eu derrubei nela ontem. Não pensei muito nisso. Apesar de tudo, hoje eu apresentaria o relatório da conferência na Itália. A reunião começou atrasada, mas não durou muito tempo. Tivemos que adiar algumas pautas, porque o Luiz da Estrutura tinha faltado por motivos médicos. Disseram-me que ele passou mal ontem, logo depois que eu saí. Mas as notícias ruins não acabam por aí: aquela nova Anna estava agora passando a comparecer nas reuniões. Todo mundo gosta dela, diz que ela é simpática, mas não sei. Ela não me desce.

Como a reunião terminou mais cedo, mais cedo eu pretendia sair, para poder chegar em casa e assistir o final da temporada de “Verdades da Noite”. Aparentemente, a sorte não estava do meu lado. Eu vi da janela da minha sala uma frente de nuvens carregadas começando a cobrir lindo céu do fim de tarde. E não era pouca coisa: pude ver um raio bem forte e banhar a cidade de luz púrpura. Antes de eu chegar ao térreo, já havia desabado o céu. Foi um belo dia para não levar guarda-chuva.

Esperei estiar um pouco a chuva – o que demorou mais de uma hora – e fui assim mesmo. Andei pela avenida movimentada, toda trancada como acontece toda vez que chove. Não tenho certeza, mas posso jurar que vi os longos cabelos louros de Anna passando por mim, perto do meu prédio. “Ai, que bom!”, pensei. Ela deve morar aqui perto, para completar minha felicidade.

Acho que não estou na lista de Jesus essa semana, porque ao chegar no hall do elevador do meu andar, descobri que tinha acontecido um vazamento de gás no meu apartamento. Os bombeiros já estavam terminando o serviço e conversavam com o síndico, que abrira a porta da minha casa com a chave mestra. Agradei os senhores pelo seu trabalho, é claro, mas não fiquei contente com a bagunça que ficou minha cozinha. E não pude evitar de pensar que se não tivesse chovido, eu poderia estar em casa com o vazamento aberto.

Ainda assim, perdi o final da temporada de “Verdades da Noite”.

23 de julho

Tive alguns problemas hoje logo cedo com a polícia. Descobriram que o vazamento no meu apartamento pode não ter sido acidental. Muito bom saber. Agora vou ficar paranoico. Estão tentando me matar?

Tentei esquecer um pouco disso, porque (enquanto não conseguem que eu morra) a vida continua, e eu tenho trabalho a fazer. Além do quê, eu conheço a mim mesmo, e eu sei que eu exagero um pouco e fico apreensivo por nada. Pode, no final das contas, ter sido só um vazamento acidental. O próprio delegado disse que não descartaram a possibilidade.

Bem, a primeira metade do dia correu sem problemas. Eu fiquei na sala da firma até a hora do almoço. Hoje era quinta-feira. E como toda quinta, eu e Afonso preferimos não sair para almoçar no Frango Assado da esquina, mas sim comer torrada com chimia, na copa do nosso andar.

Entrando na pequena cozinha, dei de cara com Anna, que vinha no sentido contrário. Ela sorriu e me deu bom dia. Eu sorri também e respondi, afinal é sempre bom manter as boas relações no ambiente de trabalho.

Peguei a torradeira, pluguei na tomada, e fui esticar o fio. O estranho brilho púrpura me ofuscou de novo. No segundo seguinte, caiu a luz do prédio. Tudo bem, sem torrada hoje. Teria ficado por isso, se não tivessem notado, logo depois que a luz voltou, que o fio da torradeira estava desencapado. Eu poderia ter morrido se a luz não tivesse caído.

Mais um ponto para a minha paranoia.

24 de julho

Como hoje estava chovendo muito, resolvi ir de carro para a firma. Hoje tivemos a continuação da reunião da última quarta-feira, pois o Luiz da Gestão de Estrutura havia voltado a trabalhar. A reunião foi realmente produtiva... inclusive

para Anna. A minha chefe Rose disse que ela teria tudo para trabalhar no mesmo cargo que eu. Ao menos ela também disse que eu fiz um bom relatório.

Na hora do almoço, Afonso pediu meu carro emprestado para poder buscar umas correspondências. Resolvi almoçar um misto quente na lanchonete do outro lado da rua, longe de qualquer torradeira com fio ruim.

De volta à empresa, eu estava tirando umas cópias quando Afonso veio me devolver as chaves. Ele disse que eu deveria tomar cuidado com os freios. Achou que estivessem um pouco esquisitos.

Acabei passando o resto da tarde na sala da Rose, debatendo algumas estatísticas para o novo projeto com os italianos. Fiquei até um pouco mais tarde.

Saí da firma pensando em parar na padaria antes de ir para casa. Peguei a avenida do centro e, realmente, os freios estavam um pouco esquisitos. Tão esquisitos que resolveram parar de funcionar. Eu me desesperei, tentei puxar o freio de mão, sem sucesso. Fechei os olhos, sem antes ver uma luz púrpura. O carro freou. Eu fiquei aliviado, ao contrário dos outros motoristas na avenida que se depararam com um carro parado na pista do meio.

A polícia veio, e rebocamos meu carro e chamamos um técnico. Sem carro até segunda-feira.

25 de julho

Santo sábado que vem nos trazer suas graças. Dormi até mais tarde, feliz sem o som do trânsito com o qual convivo a semana inteira. Hoje o dia fez sol. Resolvi sair a caminhar, procurando algum local aberto para almoçar.

Havia poucas pessoas na rua, mesmo na Avenida Central. Já estava feliz em não ter que ir para a firma me deparar com situações que querem me matar, até ver um cabelo louro comprido. Lembrei que a tal da Anna deveria morar aqui por perto. Não hesitei e mudei meu caminho para uma ruela menos movimentada. Mais adiante entrei em mais uma ruela, mas não fui muito adiante, já que notei que não havia saída. Ouvi passos correndo atrás de mim.

Uma luz púrpura, e eu fui jogado no chão, ao mesmo tempo que ouvi o som de três tiros, os quais acertaram a parede à minha frente. Olhei para trás e vi Afonso, com um sobretudo cinza e um chapéu Fedora da mesma cor, de pé no início da rua. Nas suas mãos uma pistola apontada em minha direção. Eu não quis acreditar. Um segundo flash púrpura, se um carro da polícia surgiu e o atropelou.

Então vi a já conhecida luz púrpura vindo de trás de mim. Quando me virei, ela vinha de trás da cabeça de alguém, que sem demora reconheci: Anna. O brilho rodeava sua cabeça. Porém o que mais me surpreendeu foram duas asas douradas que surgiam de seu dorso. Eu fiquei atônito. Ela piscou para mim, brilhou ofuscantemente e sumiu.

Fiquei culpado de ter pensado tão mal dela. Eu nem poderia me redimir, pois foi a última vez que eu a vi.

Noite de Amor

Um homem de jaleco passava suas compras pelo caixa do supermercado:

- São 43,50, senhor.

- Passa essa camisinha também. Hoje é noite de amor!

- Me permita a ousadia, mas eu logo vi: essas flores, a caixa de bombons...

Quem vai receber esses agradamentos deve ser alguém bem feliz!

- Certamente!

- Vocês são casados?

- Não. Infelizmente minha família não aceita nosso tipo de amor. É, bem... diferente.

- Uma pena. Dá pra ver que o senhor é bem apaixonado por ela.

- Por ele. Paciente meu.

- Ah, entendi os problemas com a família. (Débito ou crédito?)

- (Crédito.) Então, não é só isso. O tipo físico dele é o que mais incomoda os meus familiares e a sociedade.

- Que absurdo. Amor é amor! Mas chega de papo. A fila está grande. Espero que ele goste dos bombons!

- Não, não! Bodes não podem comer chocolate.

- Bodes?

- Sim, bodes. Chocolate lhes faz mal. Mas ele vai adorar comer os lírios que estou levando para ele!

Edifício Andorinhas

O som característico da datilografia contínua permeava o pequeno escritório do Edifício Andorinhas, no centro do Rio de Janeiro. O som dos calçados de Rebeca soava surdo contra o carpete velho. No canto da sala, o aparelho de ar-condicionado começou a soltar uma fumaça preta e algumas fagulhas que caíram no sofá, velho como o carpete. Um pequeno foco de chama se iniciava, mas Rebeca já estava passando pela porta da antessala e nem pode perceber.

No corredor, cruzou com Roger, que elogiou seus cabelos. Estavam lindamente volumosos e cacheados aquele dia, caindo sobre o blazer verde de ombreiras grossas. O estagiário quase esqueceu de parabenizá-la pelo noivado recém contraído na noite anterior. Rebeca agradeceu e exibiu com orgulho sua aliança dourada. Enrubesceu, mas a pele corada do rosto ficou disfarçada debaixo do blush carregado.

Roger logo desceu os elevadores, pôs os fones nos ouvidos e ligou o seu novo walkman, munido com uma fita cassete com o melhor da new wave. Havia um certo tumulto nas ruas, mas ele mal parecia perceber. Andava ao ritmo da música. Tinha se arrependido de ter vestido aqueles jeans apertados em uma segunda-feira quente de fevereiro. O sol esquentava o couro dos seus mocassins e já estava cozinhando seus pés.

Parou naquela lanchonete, algumas quadras à frente. Pediu um pão de queijo e um guaraná gelado. Roger quase podia sentir a brisa fresca que saiu da garrafa de vidro quando o garçom destampou o refrigerante. A alguns metros de distância, um senhor de cabelos grisalhos levantou-se da mesa da lanchonete e enrolou seu jornal. Ainda pôde ouvir Roger esbravejar consigo mesmo por ter de pagar mais de cinco mil cruzeiros por um pão de queijo e um refresco. Seu Euzébio

já estava cansado de ouvir os jovens praguejarem contra os militares, por mais que a inflação também o incomodasse.

O idoso barrigudo entrou em seu Opala, largou o jornal de qualquer jeito no banco do carona. Notou um alvoroço estranho nas ruas, antes de seguir o caminho de casa. Em menos de meia-hora já estava subindo as escadas do prédio em que morava, no Flamengo. Destrancou a porta, largou o jornal na mesa, e com as mãos desajeitadas, pôs um LP do ABBA a tocar. O apartamento ainda cheirava a café.

Sobre a mesa, o periódico exibia algumas notícias sobre o acidente com o ônibus espacial Challenger, ocorrido não mais do que um mês atrás. Seu Euzébio tentava ouvir a música, mas os ruídos da televisão alta no apartamento vizinho o distraía.

Tânia e Ricardo assistiam ao plantão jornalístico da TV Manchete apreensivos. O volume estava propositalmente mais alto do que o normal. O casal apertava-se as mãos. Repórteres, um tanto atrapalhados pela intensidade dos acontecimentos, cobriam o incêndio no Edifício Andorinhas, no centro do Rio de Janeiro. Em meio a gritos da multidão nas ruas, as câmeras filmavam por entre a fumaça, Rebeca, com seu blazer verde sujo de fuligem, mas a aliança ainda reluzente. Em um segundo, estava na janela do nono andar do prédio. Cinco segundos depois, já não mais estava. Estava na calçada.

"Mariposas"

De

Rafael Sardá Lisbôa

rafalisboa96@gmail.com

INT. SALA DE ESTAR - ANOITECER

Desterro, final do século XIX. Numa típica casa açoriana. Inverno.

Vemos MARIA DE LOURDES (24) rendando com bilros. Sentado à mesa está MANUEL (28). Mariposas voam pelo ambiente. Maria olha para o alto.

MARIA

As mariposas estão estranhas
hoje. Há tempos não vejo tantas.

Manuel se levanta e busca um lampião. Começa a acender.

MANUEL

Uma vaca amanheceu doente, hoje.

MARIA

É?

MANUEL

Sim. Mas só uma, só. Deixei longe
das outras. Pra não ter perigo.

MARIA

E o Luiz, cadê?

Manuel prende o lampião já aceso ao teto.

MANUEL

Pois então, estava perto do
cercado mais cedo. Vou atrás
dele. Já está tarde.

Manuel acende um segundo lampião. Maria cantarola.

MANUEL

O óleo está acabando.

EXT. EXTERIOR DA CASA - INÍCIO DA NOITE

Alguns últimos vestígios do dia podem ser vistos. Manuel carrega um lampião. Passa por umas árvores e chega a um campo mais aberto. Perto de uma cerca de arame, Manuel vê LUIZ (8) caído e PEDRO (30) agachado perto dele.

PEDRO

Manuel! Ajuda!

MANUEL

O que que houve?

Manuel corre em direção aos dois. Luiz parece estar tendo espasmos musculares.

(CONTINUED)

PEDRO

Não sei. Ouvi ele gritando. Foi depois que deu um relâmpago. Quando cheguei aqui, ele estava assim.

CUT TO:

INT. CASA - NOITE

Luiz estava deitado na cama. Maria punha um pano molhado na testa dele. Manuel e Pedro na sala ao lado. Os ambientes eram iluminados apenas por lampiões.

MANUEL

Não pode. Se assustar com um relâmpago não ia deixar ele desse jeito.

PEDRO

Então ele ficou louco.

MANUEL

Que isso! Chamando meu filho de doido?

Maria entra na sala com um rosário nas mãos.

MARIA

Ele está com febre. Não para quieto na cama. Mas não responde quando eu falo com ele.

MANUEL

Vou então ter que amanhã ir até a vila buscar um médico pra esse menino.

Maria olha para cima.

MARIA

(sussurrando)

As mariposas...

PEDRO

Vocês aguentam bem essa noite?

MANUEL

Não tem muito o que fazer. Eu estou preocupado com ele, mas...

MARIA

(interrompendo)

Manuel, tu vais buscar uma benzedeira na freguesia, agora. Teu filho está embruxado.

(CONTINUED)

MANUEL

Tu achas?

MARIA

Só pode. O que mais ele há de ter?

MANUEL

Realmente. Mas não queres esperar até amanhã?

MARIA

Olha a situação do teu filho.

MANUEL

Se ele está embruxado, pode ainda ter bruxa por aqui, tu não achas?

MARIA

E vais deixar o guri desse jeito?

PEDRO

Não querem que eu vá? Eu pego a égua e chego lá mais rápido.

MARIA

Que isso, querido. Fazer te arriscar por causa do nosso filho? Anda, vai Manuel!

PEDRO

Deixa que eu vou. Manuel ia demorar indo a pé. Não vale a pena.

MARIA

Obrigado, Pedro. Mas leva o rosário contigo.

Maria põe o rosário no pescoço de Pedro. Depois olha para Manuel

MARIA

Imprestável, tu!

Maria sai de cena.

MANUEL

Obrigado, Pedro.

PEDRO

Não por isso. O Luiz não está bem.

MANUEL

Leva contigo um lampião. A gente tem o outro aqui. Acabei de pôr o óleo nesse daí.

Manuel entrega um lampião na mão de Pedro.

EXT. FLORESTA - NOITE

Pedro segue pelo meio das árvores, se distanciando.
Barulhos entre as árvores. Pedro aperta o rosário.

Pedro chega à sua casa e pega a égua que estava amarrada.
A casa estava escura. Ele segue por uma estrada, e vemos
ele à distância, sozinho.

INT. SALA DE ESTAR - NOITE

Vemos as mariposas se agitando perto do lampião pendurado.
Maria as observa. Manuel está vindo do quarto de Luiz.
Silêncio. Apenas o som das asas das mariposas.

Um barulho chama a atenção dos dois. A origem é a cerca
perto da qual mais cedo Luiz fora achado. Uma outra fonte
de luz ilumina os rostos do casal. Surge da copa das
árvores e desce em direção ao gado. O brilho diminui e
some.

MANUEL

As bruxas ainda estão aí.

Maria apaga a luz do lampião correndo e pega o braço de
Manuel.

MANUEL

Por que fizeste isso?

MARIA

Queres chamar a atenção delas?

Ao longe se ouve um boi mugir.

MANUEL

Elas que estão pegando meu gado.
Miseráveis!

Manuel vai a um canto escuro da sala e volta com um facão.
Vai em direção à porta.

MARIA

Onde é que tu pensas que tu vais?

MANUEL

Tirar essas excomungadas do meu
terreno.

MARIA

Não quiseste sair por causa do
teu filho e vais sair por causa
do gado? Deixa as vacas lá.

(CONTINUED)

MANUEL

Não é só pelas vacas. É pelo Luiz também.

Manuel sai da casa.

MARIA

(não muito alto)

Manuel, seu tolo!

EXT. EXTERIOR DA CASA - NOITE

Manuel segue por entre as árvores. Ele consegue ver a fonte de luz, mais fraca. Ele para e encara a sua frente, antes de continuar. Farfalhos nas folhas das árvores podem ser ouvidos.

A luz some, e Manuel segue no escuro. O farfalhar também para. Manuel continua, devagar. Ele abre o portão de arame farpado e madeira e adentra pelo cercado. Chega próximo de um volume. Mais perto, vemos que é um bovino caído.

Um barulho vindo de mais perto da casa chama sua atenção. Vemos uma luz por detrás da casa, se aproximando.

MANUEL

(sussurrando)

Maria!

Ele corre de volta para a casa. Chegando mais perto, vemos que a luz é do lampião de Pedro, que volta com RITA (42), uma mulher baixa e corpulenta. Ela carrega uma bolsa de pano.

PEDRO

Eu trouxe a Rita. Dei sorte te ter encontrado ela ainda acordada.

RITA

Cadê o menino?

Rita já entra na casa sem cerimônia. Maria a leva até o quarto de Luiz. Rita ajoelha ao lado da cama. Põe-lhe a mão na testa. Ela olha seriamente para ele. Passa a mão no pescoço dele. Vemos em detalhe pequenas marcas angulares.

A benzedeira levanta.

RITA

Sim, ele está embruxado.

MARIA

Mas a senhora resolve?

RITA
(sem paciência)
Sim, sim.

A benzedeira retira de sua bolsa três sementes e um ramo de alecrim. Põe as sementes na boca de Luiz e passa os ramos de ervas por seus braços. Recita benzeduras. Ela aperta bem a região das marcas, no pescoço.

Luiz tosse. Se senta na cama e cospe as sementes, junto com um pouco de sangue. Ele abre bem os olhos e olha para os presentes na sala.

MARIA
Meu filho!

Luiz começa a chorar. Maria senta na cama e o abraça.

MARIA
Calma, nego. Está tudo bem.

RITA
Agora deixa o menino descansar.
Amanhã, já, vai estar bem.

Rita volta para a sala e se senta à mesa. Luiz e Pedro a acompanham. Ela olha para o chão.

PEDRO
Bruxa é ser do inferno!

Rita olha para ele, fixamente.

RITA
Essas não, meu filho. Essas vêm do céu.

MANUEL
Do céu?

RITA
O Diabo um dia já esteve no céu, não é?

Rita olha para cima, para as mariposas.

RITA
Elas ainda estão aqui.

Rita levanta e sai da casa. Manuel a segue, mas para na porta.

EXT. FLORESTA - NOITE

Rita corre por entre as árvores. Ela para, olha ao redor, e segue para o cercado do gado. Passa por baixo do arame farpado. Chega até o boi caído. Se ajoelha e averigua.

RITA
(sussurrando)
Não está morto.

Olha para cima. Então sai da cerca e corre mata adentro. A mata, mais a frente, se abre e dá numa lagoa. No céu, refletindo na água, uma grande luz. Rita tira da sua bolsa um grande ramo de ervas. Ela adentra a lagoa e se põe no meio das plantas aquáticas, tão altas quanto ela

A grande luz solta duas outras luzes pequenas, que vão em direção. A primeira luz chega, e Rita dá com o ramo nela, que se afasta. A outra luz evita o contato com o feixe.

RITA
Vai-te embora.

As luzes retraem e voltam para a grande luz.

RITA
Não adianta! Ide de volta para o vosso mundo!

Rita fica um tempo muda, olhando para a luz.

RITA
As benzedeadas todas sabem quem vós sois. Não vos adianta insistir nessa vila. Já curei o menino. E curarei todos aqueles em que tocades.

A luz ficou lá, como se encarasse Rita. Então, se fragmentou em várias pequenas luzes que tomaram o céu e voaram rasante na lagoa. Acertaram Rita, que caiu na água. As luzes subiram para os céus e sumiram.

Rita levanta o torso, cospe água com areia, e sorri.

Vemos um plano geral da lagoa e das luzes indo embora, enquanto refletem na água.

FIM